

“Corpos e suas narrativas”: A experiência da realização de uma *live* no *Instagram* sobre corpolatria e racismo no cotidiano das aglomerações e dos isolamentos provocados pela pandemia da covid-19

Saulo Daniel Mendes Cunha¹, Fernanda de Souza Cardoso¹, Carlos Rogério Ladislau¹

Data de Submissão: 09/05/2020 Data de Publicação: 19/11/2020

RESUMO

O objetivo deste texto é relatar as percepções compartilhadas por uma equipe de professores no processo de elaboração e realização de uma *live* sobre Corpo e Sociedade, oportunizada pela adoção de estratégias remotas de interação como alternativa para as atividades de ensino no curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Montes Claros. A finalidade do debate foi provocar a reflexão sobre o impacto da pandemia sobre os diferentes corpos, flertando com o racismo e instrumentalização dos corpos negros (os mais expostos na vida cotidiana) e com a idolatria das formas corporais perfeitas (balizadas por uma estética elitista e, portanto, branca e embranquecedora). A proposta da realização de uma *live* no *Instagram* buscou ir ao encontro da necessidade de uma intervenção pedagógica que promovesse uma interação mais efetiva do coletivo de professores com os alunos ao mesmo tempo em que permitisse uma reflexão mais ampliada sobre o que o cenário da pandemia da *COVID-19* trouxe para o universo da nossa formação e para o nosso campo de atuação.

Palavras-chave: Corpo Humano. Racismo. Estética. Educação Física.

INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2019, o mundo tomou conhecimento de que a cidade chinesa de *Wuhan* havia sido acometida por uma nova forma viral que apresentava grande risco para a saúde pública devido a sua rápida disseminação e à associação à ocorrência de Síndrome Aguda Respiratória Grave (SARG). Três meses mais tarde, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhecia a *COVID-19* como protagonista de uma pandemia de projeções trágicas e contornos imprevisíveis.

Para combater a proliferação acelerada da doença, cuja taxa de contágio é exponencial, há consenso entre os epidemiologistas de que as medidas de isolamento social impostas pelas autoridades à maioria da população se mostraram essenciais (JIMÉNEZ-PAVON; CARBONELL-BAEZA; LAVIE, 2020). Tais medidas visam evitar a aglomeração de pessoas, com impacto efetivo sobre dinâmicas cotidianas ordinárias

tais como os transportes públicos, o comércio e as atividades escolares (CAVALCANTE *et al.*, 2020).

No âmbito das atividades de ensino, a educação teve que se reinventar frente à pandemia da *COVID-19*, já que o distanciamento social impediu que as aulas fossem realizadas de maneira presencial (OLIVEIRA, 2020). Nesse cenário, seguindo resoluções institucionais próprias e os decretos municipais e estaduais pertinentes, a Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) manteve as suas atividades de ensino ao longo do primeiro semestre letivo de 2020 utilizando ferramentas de ensino remoto, com o emprego de recursos digitais diversos. Entre junho e julho, em observância às orientações do Colegiado Didático da Licenciatura em Educação Física, as atividades didáticas do curso ocorreram por meio da realização de *Lives* na plataforma *Instagram*. A finalidade deste relato é precisamente registrar o desenvolvimento de uma *live* específica intitulada “Corpos negros, corpos iluminados: narrativas de isolamento, aglomeração e vida”.

No contexto que a Universidade enfrentava no momento (e, em certa medida, ainda enfrenta), as *Lives* no *Instagram* se revelaram um recurso técnico bastante apropriado por várias razões. Primeiro, pelo inegável apelo geracional do uso dessa plataforma, já que grande parte do público universitário mantém um perfil ativo no “*Insta*” e o utiliza frequentemente para alimentar as interações em rede. Segundo, pela possibilidade de interação professor-aluno permitindo a manutenção de vínculos apesar do distanciamento físico (OLIVEIRA, 2020).

Finalmente, porque o *Instagram* é uma rede bastante “democrática”, de acesso aberto, que emprega ferramentas simples, com interface estruturada para *smartphones* e, em casos específicos, com tráfego de dados não tarifado por algumas operadoras. Esse último aspecto merece destaque, uma vez que a ausência de infraestrutura técnica adequada, as limitações de acesso à internet e até mesmo a competência restrita para lidar com tecnologias de informação e comunicação (TIC) são elementos que podem fragilizar o processo de ensino-aprendizagem em operações remotas (CAVALCANTE *et al.*, 2020).

Vale ainda frisar que o enfrentamento das dificuldades relatadas se dá nos diversos grupos e categorias que compõem a comunidade universitária, pois ao impor

a adoção exclusiva do ensino mediado por ferramentas virtuais, a mudança de cenário educacional demandou a convivência com novas tecnologias, processo que, embora exponencialmente acelerado nesses últimos seis meses, já vinha acontecendo há alguns anos exigindo, tanto de discentes quanto de docentes, o desenvolvimento de novas competências (DVORAK; ARAÚJO, 2016). Esse contexto de restrições e de safios não está circunscrito geograficamente; ao contrário, há estudos que revelam a incipiência na apropriação de tecnologias digitais no âmbito de grande parte da educação pública brasileira (ARRUDA, 2020).

Malgrado essa situação, o advento da pandemia provocada pelo novo Coronavírus (Sars-Cov-2) provocou a aceleração exponencial da incorporação das TICs aos processos didático-pedagógicos do ensino superior e, do dia pra noite, professores e alunos se viram às voltas com a necessidade de gerenciar e operar seus processos de ensino remotamente.

Na intenção de possibilitar uma articulação balizada das estratégias a serem empregadas, a transmissão de *Lives* no *Instagram* surgiu como uma alternativa bastante promissora para estreitar a interação entre professores e alunos e dinamizar a discussão sobre temas de relevância frente ao contexto da pandemia, ultrapassando as bordas das prescrições curriculares específicas do curso. Cavalcante *et al.* (2020) lembram a relevância de ações dessa natureza uma vez que a discussão de temas ulteriores à formação profissional pode possibilitar reflexões fundamentais sobre a realidade massacrante enfrentada e a necessidade/viabilidade de medidas protetivas e de enfrentamento ao coronavírus.

A EXPERIÊNCIA

No âmbito dos cursos de licenciatura em Educação Física da Unimontes, a transmissão de *Lives* foi organizada em torno de quatro eixos: 1. Educação; 2. Sociedade; 3. Saúde; e 4. Escola. Os professores que ministram aulas no curso foram organizados em grupos coordenados pelo Colegiado Didático e cada grupo pôde propor, dentro do seu eixo, três temáticas para exposição.

A agenda das transmissões foi definida levando-se em conta a disponibilidade dos alunos, ficando concentradas no fim de tarde e início da noite (de 17 às 18h e de 18 às 19h), sempre às terças e quintas. Dessa forma, às terças sempre aconteciam

as *Lives* do eixo Educação (às 17h) e do eixo Sociedade (às 18h) e às quintas, as *Lives* do eixo Saúde (às 17h) e do eixo Esporte (às 18h).

No eixo Sociedade, o coletivo de professores elegeu três núcleos conceituais para estruturar a exposição em cada uma das suas *Lives*: a História, a Cultura e o Corpo. É no âmbito desse último núcleo que organizamos uma *live* com a finalidade de provocar a reflexão sobre o impacto da pandemia sobre os diferentes corpos, flertando com o racismo e instrumentalização dos corpos negros (os mais expostos na vida cotidiana) e com a idolatria das formas corporais perfeitas (balizadas por uma estética elitista e, portanto, branca e embranquecedora).

O título da *live* pretendeu, nesse sentido, já trazer à tona essa operação cognata: “Corpos pretos, corpos iluminados: narrativas de isolamento, aglomeração e vida”. As exposições foram feitas por dois dos autores deste relato: o Professor Saulo Daniel debateu a “iluminação dos corpos perfeitos”, sobretudo na exposição das telas brilhantes de computadores e smartphones; e a Professora Fernanda Cardoso instigou a reflexão sobre o “ofuscamento dos corpos pretos”, apesar de sempre terem se revelado tão cheios de luz na construção social e cultural do Brasil. A mediação das exposições foi realizada pelo Professor Carlos Rogério Ladislau.

Para a transmissão, o curso utilizou um perfil próprio do *Instagram* (@efilicienciaunimontes) e, além da exposição ao vivo, que aconteceu às 18h da primeira terça-feira de julho de 2020, a *Live* também foi disponibilizada para visualização posterior no IGTV. Ela pode ser acessada por meio do link <https://www.instagram.com/p/CCE0fZPpYbb/>.

Primeira provocação: Os corpos iluminados

Um primeiro esforço necessário para se “enxergar o corpo” é compreendê-lo além da sua constituição biológica. O corpo é uma realidade sociocultural, que só pode ser semanticamente “capturada” dentro do contexto histórico que o constitui, contexto este ancorado num sistema de trocas simbólicas e materiais, fortemente pautadas no interesse do capital econômico.

Um conjunto de questionamentos nos ajuda a inaugurar as reflexões: em tempos super modernos, caracterizados pela aceleração dos processos e pela fluidez da existência, seria possível admitir apenas “um” padrão corporal? Com tanta

informação circulando nos mais diversos meios, há como localizar um discurso corporal central articulado pela mídia e seus interesses de mercado? Se existe, em que medida esse discurso estaria impactando as (auto) percepções corporais e orientando comportamentos na busca de um corpo “padrão”?

De que forma a iluminação materializada pelas telas dos computadores, *tablets* e *smartphones* estaria influenciando a construção sociocultural dos corpos? Estaríamos sendo capazes de “filtrar” essas luzes para enxergar a realidade corporal da nossa existência e suplantar as fortes pressões do mercado e da mídia que se dão na direção de um “corpo perfeito” que (supostamente) só pode ser alcançado por meio do consumo? Esses processos atingem de forma equânime os diferentes grupos sociais? E o que é possível observar nesse quadro quando consideramos um momento muito particular da nossa história, em que uma pandemia afeta toda a sociedade?

De princípio, a primeira constatação é clara: a pandemia tem atingido de forma muito diferente diferentes grupos, seguimentos, setores e classes sociais. Nos extremos, temos de um lado pessoas que podem permanecer protegidas em casa com todas as condições de vida asseguradas e, de outro, aquelas que sequer podem subsistir, pois estão excluídos do acesso a bens fundamentais sobre os quais a vida se consolida: carecem de moradia, de alimentação e de condições mínimas de higiene, entre tantos outros aspectos. Portanto, ao falar de corpo, o ponto de partida é localizar esse corpo na dinâmica das diferentes realidades sociais.

Tendo isso em mente, no âmbito da atuação pedagógica e no que se refere à produção de uma dada imagem corporal, é fundamental proteger o aluno dos apelos midiáticos que oferecem, frequentemente, fórmulas que produzem resultados instantâneos: pacotes de exercícios de efeitos “fantásticos”; dietas milagrosas; cirurgias estéticas mágicas; etc.

Tais produtos são vendidos colados numa narrativa que torna a beleza corporal um bem a ser alcançado a qualquer custo ao mesmo tempo em que provocam uma desconciliação entre o corpo que se tem (corpo real, que trabalha, que cuida da família, que pega transporte público, que sua, que adocece, que cansa) e o corpo que se deve desejar (idealizado, arquitetado, sem faltas nem excessos). Estrategicamente, o padrão de beleza vendido é algo inatingível (seja por

impedimentos da vida prática, seja por limitações biológicas), o que conduz a uma busca infinita assentada no consumo e cujo resultado final é certo: a ansiedade, a frustração e a culpa.

Esse processo se mostra ainda mais cruel no meio de uma pandemia em que as pessoas são compelidas a se esforçarem para permanecer não apenas vivas, mas também belas, produtivas, positivas e felizes. A existência das “*quarenteners*” é reveladora: blogueiras que defendem uma forma corporal perfeita durante a quarentena e, claro, vendem os consumos necessários para alcançá-la.

É fundamental destacar que se há apelos midiáticos orientados para os interesses de mercado, há também outros canais que se abrem para o contra discurso, oferecendo informações sérias, bem selecionadas com lastro técnico-científico. Tais possibilidades podem ser apropriadas pelos professores como ferramenta didática, articulando o potencial de penetração da comunicação midiática a conteúdos de qualidade.

Essa é uma das alternativas que o professor de EF tem nas mãos para amparar a sua ação pedagógica. Integra-se a ela, o dever ético de esclarecer o coletivo de alunos acerca de todo esse processo, iluminando as suas dobras: a existência múltipla dos corpos na realidade (ROBLE; DAÓLIO, 2006); a mídia como não-lugar, marcado pelo fluidez incessante dos apelos ao consumo e o conseqüente massacre subjetivo dos corpos (AUGÉ, 2003); a perversão dos *likes*, que precisam ser entendidos como estratégia de afirmação apenas para a venda de produtos e não para a autoestima ou para a aceitação corporal; e a empatia como princípio da atuação social, no sentido de reconhecer o corpo do outro como direito do outro, da sua história, do seu contexto e das suas dores.

Ações concretas simples com desmistificar *fake News*, contradizer treinos milagrosos e denunciar a patologização mercadológica dos corpos “fora do padrão” devem estar presentes na ação cotidiana do professor de EF, o qual precisa se manter numa atitude de vigilância constante e de estudo permanente, justamente para oferecer aos seus alunos as ferramentas de discernimento necessárias para iluminar as suas próprias consciências e as próprias ações com as luzes da ética, da existência coletiva e da ciência.

Segunda provocação: Os corpos pretos

Num cenário de “normalidade”, o debate sobre racismo já se colocava como necessário no seio da nossa sociedade, construída ao longo de cinco séculos sobre uma base organicamente racializada. A crise avassaladora produzida pela COVID-19 tornou esse debate urgente e visceral, sobretudo quando enunciado a partir de alguém com lugar de fala, cuja pele estampa o pertencimento e que, precisamente por isso, permite assumir a autoria da reflexão, sem distanciamento e refutando qualquer pretensão de uma sempre ilusória neutralidade científica.

Para balizar o exercício reflexivo de um debate cujo objeto são os corpos pretos, cinco perguntas foram eleitas. A primeira delas é “O que é corpo?” De maneira bastante sintética, é possível assumir que o corpo nada mais é do que a materialidade que dá existência ao próprio sujeito. Daólio (1995) lembra que esse corpo é uma síntese da cultura porque expressa os elementos centrais específicos da sociedade da qual ele faz parte. Portanto, falar de corpo é, necessariamente, indagar sobre qual sociedade e qual cultura ancoram a sua constituição e, como consequência, as representações que sobre ele são construídas.

A segunda pergunta é “por que precisamos falarem corpos *pretos*?” “Que sentido a necessidade da adjetivação “pretos” revela? Ou, dito de outra forma, por que é preciso diferenciar uma existência corporal adjetivada pela sua cor? Dumas (2019) parte daí para argumentar que não há como falar de corpos pretos sem se remeter ao conceito de raça e à sua construção social. Antes desse exercício, porém, convém lembrar a pertinência do plural nesse enunciado: corpos pretos. Esse exercício é fundamental para assegurar a diversidade entre os corpos pretos que, embora possuam em comum a atribuição de uma cor, que os assemelha, portam infinitos signos de diferença e diversidade. Fica a dica: corpos pretos não são iguais apenas por serem pretos.

A terceira pergunta, como já anunciado, é “o que é raça?” Para se aproximar de uma resposta, o texto “Os brancos saberão resistir?”, do professor Gabriel Nascimento (NASCIMENTO, 2019) se mostra fundante ao esclarecer que raça é um conceito (e, portanto, uma ideia) que foi inventada pelo europeu branco colonizador: raça não é um atributo “natural”, mas uma invenção discursiva. Mbembe (2014)

agrega elementos a essa reflexão revelando que a ideia de raça não é um acidente discursivo, mas sim uma criação dos europeus para justificar o seu movimento colonialista e pode ser bem representada como um complexo conjunto de horrores aos quais os corpos pretos escravizados foram submetidos desde pelo menos o século XVI.

Passados 500 anos, esse discurso permanece em plena prática atualmente justificando a maneira diferenciada como brancos e não-brancos são tratados socialmente: o corpo preto permanece em território colonializado em pleno século XXI. O emprego desavisado de expressões linguísticas reforça com sutileza e gravidade esse colonialismo ao associar, por exemplo, as palavras “preto” e “negro” (e seus derivados linguísticos) à noção de coisas negativas, ruins e que, portanto, devem ser evitadas.

Objetivamente, Almeida (2019) argumenta que racializar o mundo naturalizou o conceito de raça, agregando argumentos biológicos inventados a uma construção essencialmente cultural e que alocou grupos privilegiados de um lado (distinguido pela branquitude da pele e dos traços) e grupos marcados para morte de outro (carimbados pela cor da pele e por traços negroides). Essa marcação para a morte mostra sua face mais perversa na humanização do branco e na respectiva animalização do preto. Assim desespirtualizado e objetificado como animal, o negro teve sua identidade apagada (sua ancestralidade, sua cultura, seu corpo e seu direito à vida). A representação da sua existência foi constituída apenas por discursos “brancos” ao longo da nossa história social.

Para conquistar o protagonismo da própria vida, o ponto em comum entre as diversas formas de ser dos corpos pretos está justamente na opressão que o racismo representa cotidianamente para a existência de cada um deles: numa estrutura social racializada, corpos pretos só existem porque resistem, dia após dia, à tatuagem do racismo na pele e a todos os seus desdobramentos (DUMAS, 2019; NASCIMENTO, 2019). Para resistir, esses corpos são submetidos a um processo de branqueamento cuja finalidade fundamental é aumentar as chances de sobrevivência: a incorporação histórica de comportamentos embranquecedores pelos pretos nada tem a ver com o desejo de ser branco, mas sim com a impossibilidade social de sobreviver sendo negro. Esse esforço de branqueamento é revelador de uma das piores dores dos

pretos, que é passar uma vida inteira sendo obrigado/coagido/induzido a negar a própria negritude: sua identidade, sua ancestralidade, cultura, sua existência.

Assentadas essas ideias, a quarta pergunta é “quais corpos a pandemia mais sentencia?” A resposta parece ser clara e está estampada nas manchetes de todos os jornais: o contágio, o agravamento e as mortes pela *COVID-19* atingem muito mais os corpos pretos do que os brancos. Mas por quê? Segundo Almeida (2020), isso ocorre porque a pandemia reorganiza o sistema político aumentando as restrições para os corpos que já eram subalternizados: a vida na periferia pobre é protagonizada, em sua grande maioria, por corpos pretos que se aglomeram em cômodos apertados sem condições minimamente dignas de vida.

São também os pretos quem mais se deslocam apinhados, no transporte público, para trabalhar em lugares normalmente distantes da residência. No auge da pandemia, são os corpos pretos que permanecem trabalhando diuturnamente para fazer a máquina funcionar... e fazem isso, porque eles não têm outra escolha: são corpos que permanecem escravizados para que outros corpos não percam seus privilégios. Os corpos pretos são os mais expostos, são os corpos que mais se expõem e, portanto, os que mais adoecem. Pretos doentes e periféricos, como não têm acesso à assistência de qualidade, são também os corpos que mais morrem. E, no ideário de uma sociedade racializada, fundada e narrada por brancos, morrem sem direito à luto.

E então chegamos à quinta pergunta: “o que nós temos a ver com isso?” Nós, esse coletivo universitário: professores, alunos, ideias, o que temos a ver com isso? A resposta a esse questionamento parece orbitar uma outra questão: quanto nos indigna ver (mais) um corpo preto estendido no chão?

Na língua portuguesa, a palavra “preto” é relacionada à “ausência de luz”. Num debate sobre corpos pretos e corpos iluminados, quais são os corpos que, no nosso imaginário desavisado, portam a luz? É comum, na nossa sociedade, associarmos corpos pretos como sujeitos iluminados? Ou “naturalmente” associamos corpos pretos à ideia de obscuridade, de marginalidade, de opacidade, de ausência? Na nossa sociedade, preto nunca é luz... porque as nossas narrativas sociais foram construídas por brancos, com olhares brancos a partir de lugares brancos. Mas os pretos sempre estiveram presentes e “resistiram”. Corpos pretos que brilham, que iluminam, que

trasbordam e transcendem. Escritores, poetas, artistas, músicos, pensadores, professores, autores, anônimos... Gente preta que lutou e luta pra ressignificar e reinventar práticas e discursos que não podem mais ser ignorados por ninguém. Numa sociedade racializada, não há como não ser racista. Todos somos. O desafio está justamente na vigilância ética e sensível, na revisão cotidiana de percepções, conceitos e atitudes e na construção de práticas que ultrapassem esse lugar social inventado para a cor. Pretos, brancos, amarelos, azuis, verdes, rosas. Que a cor seja para o que dever ser: colorir. E “que sejam todos os corpos lugares de nossas melhores poesias” (VAGO, 2009, p. 34).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta da realização das *Lives* no *Instagram* buscou ir ao encontro da necessidade de uma intervenção pedagógica que promovesse uma interação mais efetiva do coletivo de professores com os alunos ao mesmo tempo em que permitisse uma reflexão mais ampliada sobre o que o cenário da pandemia da *COVID-19* trouxe para o universo da nossa formação e para o nosso campo de atuação.

Hodges *et al.* (2020) lembram que as estratégias de educação remota emergencial agregam uma alteração temporária de conteúdos que precisam ser veiculados de uma forma alternativa por causa da situação de crise que enfrentamos. Foi precisamente isso que buscamos pôr em prática nesse exercício que fizemos de convidar os alunos à reflexão sobre temáticas que entendemos urgentes, de pertinência manifesta, exponencialmente em tempos de pandemia, em todos os espaços materiais e virtuais da nossa existência social.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

_____. **Racismo estrutural**. Live Djamila Ribeiro e Silvio Almeida. 24 de maio 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZADKtsNnx74>. Acesso em: 25 maio 2020.

ARRUDA, E. P. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **Em Rede – Revista de Educação a Distância**, [s.l.], v.7, n.1, 202. Responsabilidades e Desafios para a consolidação da EaD.

AUGÉ, M. **Não-Lugares**: introdução a uma antropologia da super modernidade. Campinas: Papyrus, 2003.

CAVALCANTE, A. S. P. *et al.* Educação superior em saúde: a educação a distância em meio à crise do novo coronavírus no Brasil. **Avances en Enfermería**. 2020; 38(1supl):p-p. <https://doi.org/10.15446/av.enferm.v38n1supl.86229>.

DAOLIO, J. Os significados do corpo na cultura e as implicações para a Educação Física. **Movimento**. Ano 2. n.2. junho. 1995.

DUMAS, A. G. Corpo negro: uma conveniente construção conceitual. In: XV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2019, Salvador. **Anais... XV Enecult**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, v.01, 2019. Disponível em: <https://www.cult.ufba.br/enecult/anais/edicao-2019-xv-enecult/>. Acesso em: 30jun. 2020.

DVORAK, P. E.; ARAÚJO, I. C. de. Formação docente e novas tecnologias: repensando a teoria e a prática. **Revista Intersaberes**, v.11, n.23, p.340-7, 2016. <https://doi.org/10.22169/revint.v11i23.885>.

HODGES, Charles et al. The Difference between emergency remote teaching and online learning. **EDUCAUSE Review**. 27 mar. 2020. Disponível em: <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remoteteaching-and-online-learning>, 2020. Acesso em: 11 maio 2020.

JIMÉNEZ-PAVON, D.; CARBONELL-BAEZA, A.; LAVIE C, J. Physical exercise as therapy to fight against the mental and physical consequences of COVID-19 quarantine: Special focus in older people. **Progress in Cardiovascular Diseases**. <https://doi.org/10.1016/j.pcad.2020.03.009>.

MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

NASCIMENTO, Gabriel. Os brancos saberão resistir? **Revista da ABPN**, v. 11, n. 28, p.331-347, 2019;

OLIVEIRA, A. B. Educação em tempos de pandemia: o uso da tecnologia como recurso educacional. **Pedagogia em Ação**, Belo Horizonte, v.13, n. 1, p-p,1 sem. 2020. ISSN 2175-7003.

ROBLE, O. J.; DAOLIO, J. Do corpo identitário ao corpo virtual: algumas implicações para a Educação Física. **Pro-Posições**, v. 17, n. 1 (49) - jan./abr. 2006.

VAGO, T. M. Pensar a educação física na escola: para uma formação cultural da infância e da juventude. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 25-42, set. 2009. Disponível em: <http://www.rbce.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/930/540>. Acesso em: 30 jun. 2020.